

Os candidatos ignoram as artes plásticas

HILTON BERREDO

Os candidatos à Prefeitura do Rio, em resposta a uma pergunta de Ascânio MMM ("O Rio quer saber", O GLOBO, 21/08) sobre uma política de artes plásticas, mostram um total desconhecimento do que seja o nosso setor. Luiz Paulo Conde não percebe a diferença entre iniciativas museológicas e cultura viva. Sérgio Arouca sequer nota a diferença entre cinema, artes plásticas e música popular. Chico Alencar, que nunca ouviu falar em artes plásticas, pensa que é coisa de atores e cenógrafos. Sérgio Cabral Filho acha que o prefeito pode dinamizar o quintal alheio e integrar entidades que não dizem respeito à Prefeitura. Todos os candidatos confundem a presença de instituições culturais na cidade com a existência de uma política cultural para a cidade.

Mas quem entende a geléia que é o sistema de artes plásticas no Brasil? Se o próprio presidente, de quem esperamos medidas de estímulo à produção, circulação e comercialização de obras de arte limita-se a emprestar uma paredinha para a vaidade de uns seletos curadores, o que esperar dos outros? Mas pensemos a cidade, que é hora. No Rio, o MAM (que já foi um centro de cultura viva e hoje é um elefante museológico) recebe uma

mesadinha da Prefeitura para não cair de quatro. Dinheiro público que poderia virar aquisição de obras de artistas vivos num programa de doações e difusão da arte carioca é transformado em tapa-goteiras de uma instituição que pode e deve andar com as próprias pernas. Criado por empresários, é de responsabilidade do empresariado, que devia geri-lo empresarialmente. Por negligência, mais parece uma dependência esquecida da máquina pública. Talvez a Prefeitura não se esqueça de sua contribuição mensal, mas se esquece de saber o que o MAM faz com ela. Pagar funcionários é muito pouco.

O MNBA é federal e devia cuidar de valorizar nosso passado cultural em mostras permanentes e temporárias, mas perde-se numa programação que às vezes é acadêmica, às vezes tardo-moderna e outras vezes contemporânea, num esforço "geleificante" muito original.

O Parque Lage, que já teve seus momento de centro cultural importante, é uma escola estadual plantada em terreno federal, ocupada por uma panelinha particular e amparada por uma associação de amigos. Ali, o aluno talentoso que tem a sorte de não se perder num programa de cursos caótico e escolhe um bom artista improvisado em professor para lhe orientar, em dois anos pensa que já é candidato natural à Bienal Internacional

de São Paulo. O CCBB, entre enfadonhas exposições tipo chapa branca, com textos assinados por seu famoso crítico "CCBB", mostra alguns artistas vivos. Seleccionados ou sorteados, não se sabe, por uma ocultíssima curadoria que não poupa um centavo para mostrar seu amor à cultura em luxuosos e cafonérrimos catálogos que nossos melhores artistas não têm. Não há o que fazer sobre o mau gosto estatal.

O Espaço Cultural Sérgio Porto dispensa um cubículo quente à produção contemporânea, com direito a um papelzinho à guisa de catálogo, sendo esse o único espaço da Prefeitura do Rio para os artistas vivos. Sua função é valorizar em exposições temporárias a produção jovem mais radical. Não se sabe como uma pequena sauna escondida atrás de um posto de gasolina pode fazer isso. Ali deveria se realizar o Salão Carioca, evento da Prefeitura para artistas iniciantes que acaba abrigando artistas de alguma carreira por falta de evento a eles destinado. O que irrita os primeiros e não satisfaz aos últimos. Como o Espaço é pouco, o salão vai para o Parque Lage, que não tem nada a ver com a Prefeitura. E por

que não vai para o MAM, já que a Prefeitura o sustenta? O Museu da Cidade, que o candidato Conde cita como um feito da Prefeitura pelas artes plásticas, não trata de artes plásticas, mas da história da cidade, sua evolução urbana etc. Se houver arte ali será pelo valor documental e não estético.

Finalmente salva-se, entre mortos e feridos, o Paço Imperial, única casa com perfil de arte contemporânea definido. Mas a Prefeitura vai investir numa instituição federal que mal conta com recursos da União? E se o fizesse, configuraria isso uma política para artes plásticas?

É claro que não. Uma política para as artes plásticas começaria por separar museologia de cultura viva e é essa última que interessa diretamente a artistas vivos. Apoiar a cultura viva é definir fundos para aquisição de obras, premiações por obras realizadas e bolsas de pesquisa. Em seguida pode-se dinamizar o circuito, não com a abertura de novas salas, mas aproveitando os espaços existentes para estabelecer um calendário de mostras da produção carioca, possivelmente na forma de eventos bienais que contemplassem diferenciadamente as distintas

categorias de artistas estreantes, emergentes e estabelecidos, sabendo-se que essas categorias têm necessidades e públicos diferentes tanto qualitativamente quanto quantitativamente.

Ainda há mais para o novo prefeito fazer. Há anos os artistas aguardam quem transforme imensos espaços degradados nos arredores do Centro do Rio e em volta ao Cais do Porto num centro de ateliês para os artistas cariocas com espaço de hospedagem e trabalho para artistas em trânsito. Com oficinas equipadas e acesso fácil aos serviços portuários e alfandegários, esse centro poderia se transformar num pólo de produção internacional de esculturas monumentais para espaços públicos, congregando os artistas de outros estados e os estrangeiros que vêm ao Rio produzir suas encomendas a custos bem mais em conta. Finalmente, o político que administrar a cidade poderia criar uma central de oportunidades para artistas, designers e artesãos que quisessem propor imagens para a indústria carioca. Padronagens, revestimentos cerâmicos e um sem-fim de produtos industriais poderiam ser os novos veículos para a cultura carioca. Desta forma estaria aproveitado todo o potencial das artes plásticas para a promoção da cidade.

HILTON BERREDO é artista plástico.

Uma política...
começaria por
separar
museologia de
cultura viva
